

ARTISTA-PESQUISADOR – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ESSA RELAÇÃO NÃO-TODA – VOLUME 1

ARTIST-RESEARCHER - SOME CONSIDERATIONS ON THIS NOT-ALL RELATIONSHIP – PART 1

Alexandre Sá
UERJ

RESUMO

Escrito de artista que, a partir do conceito lacaniano de não-toda, pensa e atualiza a relação entre artista e pesquisador. O artigo problematiza tal relação de modo a provocá-la e promovê-la como uma estrutura capaz de ser estabelecida dentro e fora da universidade.

PALAVRAS-CHAVE

Artista. Pesquisador. Pesquisa. Arte Contemporânea. Escrito de artista.

ABSTRACT

An artist's writing which, based on the Lacanian concept of not-all, thinks about and actualises the relationship between artist and researcher. The article problematises this relationship in order to provoke and promote it as a structure capable of being established both inside and outside the university.

KEYWORDS

Artist. Researcher. Research. Contemporary art. Artist's writing.

Este escrito de artista já se inicia com uma pequena digressão sobre a relação possível entre as figuras do próprio artista e do/da pesquisador_. Inicialmente é importante explicitar que serão mantidas tais formas, o artista e o pesquisador, da forma mais ordinária, para que assim um funcionamento poético mais cursivo seja ensaiado. E que, mesmo fazendo uso de diversas dobras do pensamento, seja capaz de estabelecer uma atmosfera verticalizada sobre esta relação nem sempre tão simples, nunca tão óbvia e em certo sentido, nada obrigatória. Objetivamente, pronomes neutros e suas variações não serão utilizadas, embora já se deseje deixar explícito que este artigo refere-se à categorias e posições que abarcam toda a variedade possível de gênero. Neste caso, é fundamental explicitar que se trata de uma opção estilística que sabe dos seus riscos e que precisará assumi-los para melhor abordar o debate que se segue.

Há no título mesmo uma aposta e um prenuncio. Uma relação não-toda. Que pode ser vista como aquela que, além de não ser toda, não acredita em sua totalidade, que consegue, inclusive, consciente ou inconscientemente, negar tal ideia de totalidade. Nesse sentido, a relação entre o artista e o pesquisador será sempre fraturada, inespecífica, bordejada, instável. Incompleta.

Além disso, o termo não-toda é imprescindível para a psicanálise. Lacan pensará em alguns dos seus seminários, a posição do feminino como não-toda. Sendo assim, existem algumas questões que precisam ser resolvidas de antemão. Leiamos novamente a linha anterior. Lacan pensará o feminino como não-toda. Não estritamente a mulher. Talvez tenha sido esse mínimo exercício de investigar com cuidado tal abordagem que tenha sido suprimido de modo a fomentar uma leitura tão enviesada desta questão, ao termos o debate público acusando Lacan de desconsiderar a figura da mulher. Ou seja, a relação não-toda em Lacan é da ordem do feminino.

Outra questão: aqui não se trata de um texto sobre psicanálise e arte, mas de um texto de artista sobre o processo criativo dos artistas que se desejam pesquisadores, sem nenhum desejo de generalização. Nesse sentido, surge uma nova pergunta que merece cuidado: qual é a justa medida de uso de um determinado termo para que possamos trazê-lo de modo a explicitar um pensamento fora de sua área original de atuação? Onde, no pensamento em pesquisa, é possível escapar da “tokenização” de um conceito ou mesmo de um objeto de análise? Qualquer resposta possível talvez mereça considerar que a justa medida será sempre o respeito a seu eixo de origem ou de sua fonte.

Sendo assim, é salutar lembrar que tal relação não-toda pensada e proposta por Lacan, imagina as estruturas do masculino e do feminino, nas fórmulas da sexuação e mais especificamente em suas relações relacionais de gozo. O psicanalista aborda então o feminino através de uma estruturação que não se ampara no falo (na função fálica) e, exatamente por isso, não precisa do amparo de objeto. Ou melhor “dO” objeto. Além disso, é preciso jamais esquecer que, inclusive em Lacan, o masculino e feminino são posições deambulatórias.

Até aqui, para nós, é suficiente, pois sabe-se então que há uma variante que precisa de um objeto e outra variante que não precisa deste objeto para a modulação de seus respectivos gozos. E que embora possam vir a ser um par, jamais completo, o eixo que independe do objeto reluzente do desejo (fictício, real, representativo, idealizado, fantasmático, etc.), é aquele não-todo//não-toda. É este agente que fomenta a hipótese que norteia este artigo e esta parte inicial da pesquisa//proposta poética inscrita como texto: que a relação entre artista e pesquisador, ou melhor, a relação que se dá entre e no artista-pesquisador é uma relação não-toda porque independe do seu objeto (fálico).

Por certo, é possível deambular em busca de possíveis relações para o que pode vir a ser compreendido na relação artista-pesquisador como objeto fálico, mas, de maneira simplista, é plausível, pelo menos por agora, considerar que o objeto aqui é o objeto de arte. Mas qual tipo de relação seria palatável que eliminasse a exigência do seu objeto? Ou que no mínimo, o colasse em suspensão? Há alguma relação em arte que desconsidere o objeto em sua ficção? Obviamente não se trata de desconsiderar a urgência e a necessidade intransponível do trabalho físico e final, já que é nele, por ele e através dele que o ato criativo se precipita. Mas para além do objeto em si, qual o tônus desta relação entre o artista e o pesquisador?

É necessário também indicar que propositalmente não utilizo arte e pesquisa, pois devido à sua abrangência e eventual deslize conceitual em diversas operações simbólicas de uso generalizado, tal mudança do agente (artista e pesquisador) para a substância (arte e pesquisa) poderia direcionar o pensamento para outros arquipélagos, talvez já, da esfera da cultura. Aqui me ateno aos sujeitos. Ao artista (fundamentalmente em Artes Visuais, pois por honestidade, é o que mais tenho proximidade, já que habita meu corpo como condomínio) e o pesquisador, propositos do moto-contínuo de investigações que fomenta a cadeia alimentar; que por sua vez, desaguará ao final, na obra.

Tendo já compreendido parte do que a relação não-toda é: instável em relação ao desejo do objeto, poder-se-ia perguntar se existe uma relação definitiva e geral entre artista e pesquisa que justifique esta reflexão. Não. Não há. Como não é possível haver segurança sobre a onipresença do pesquisador no artista. Trata-se de uma relação em trânsito, que, além de ser sempre parcial, merece também ser capaz de

desapegar-se de toda e qualquer ideia imaginária de completude. É fundamental advertir que não existe um determinado tipo de artista-pesquisador que atenda à um constructo idealizado de qualidade para que seja nomeado como tal. Ou seja, além de não haver clara segurança do vínculo entre artista e pesquisador, não há possibilidade de considerar que exista apenas um determinado tipo de “persona” artista-pesquisador. Existem artistas-pesquisadores. E mesmo que ao ler este ensaio, insista-se quase que automaticamente na imagem arriscada do artista-pesquisador na esfera acadêmica, é fundamental que abdique-se de tal estrutura se compreendida como única para que possamos prosseguir.

Por outro lado, embora seja possível considerar que todo artista é um pesquisador em devir, aqui, interessa fundamentalmente, para além de um mero processo de conceituação, uma relação basilar o suficiente para que o artista indique a pesquisa como parte de seu processo de formação. Artista-pesquisador. Com hífen. Indissociáveis. Artista que depende do pesquisador para potencializar seu processo de criação artística. Pesquisador que depende do artista para poder sempre abrir as janelas da pesquisa.

Em uma primeira camada, me refiro ao artista que é pesquisador de maneira estrita, na universidade ou na relação direta com outras formas de ensino (cursos livres, atendimento em atelier, etc.) e opera tal relação de forma natural, na construção de um determinado saber. Mas, para além desta primeira camada, me refiro também ao artista que é pesquisador pela forma através da qual estrutura o pensamento em relação ao seu trabalho, como lida com as suas referências e conjuga de maneira particular as relações entre teoria e prática.

Aqui esbarramos em um problema que merece atenção: como é possível determinar que certo artista é também pesquisador? Será que de fato tal problemática é necessária? Não seria então mais simples deixar assegurado que artista-pesquisador é aquele imerso na academia, pela quantidade de instâncias balizadoras capazes de legitimar o processo? Inicialmente é necessário que haja uma compreensão deste mesmo artista diante do processo do seu próprio processo de pesquisa e que este desejo seja assumido como parte determinante do trabalho. E depois, que tal lógica de desejo dialogue e maneje seu funcionamento com determinadas lógicas de legitimação e exposição. Embora o ritmo e a cadência de tal encadeamento seja

consideravelmente próxima da produção do próprio objeto de arte, os meandros exposição da produção/pensamento do artista-pesquisador não dependerão necessariamente de um sistema estrito de arte, compreendido aqui também como a lógica de compra e venda de produtos. Existirão outras alternativas ao processo, como indicado anteriormente: acompanhamento de outros artistas, cursos, palestras, aulas em escolas livres, rodas de conversa e inevitavelmente, a carreira universitária.

Em certo sentido, este debate pode parecer extremamente óbvio, pois estaria apenas comentando a possibilidade de termos artistas e artistas-pesquisadores. Tal divisão seria então ingênua e ultrapassada pois, de certo modo, a palavra artista, já englobaria por si, a figura do pesquisador. Ou englobaria inclusive, outras personagens. Ou como Ricardo Basbaum já havia conceituado em seu artista-etc:

Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de 'artista-artista'; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos 'artista-etc' (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico, etc) (BASBAUM,2013, p. 168)

Para o autor, artista-etc é um campo semântico ampliado que guarda consigo um devir: questionar a natureza e a função de seu papel como artista. Nesse sentido, o artista-pesquisador guardaria alguma alforria conjugada a algum fracasso: não haveria para esta personagem, a urgência de questionamento de sua própria função, porque talvez seja essa, uma função dupla inevitável. O artista questiona o pesquisador e o pesquisador questiona o artista. Os dois de mãos dadas. Numa relação de atração e repulsa, como na mais profunda e possível relação de amor (ainda dicotômico).

Mas, para além da utopia desta tensão, é sabido, que dentro da própria academia, há uma quantidade considerável de profissionais que não colocam a necessidade de problematização do campo como elemento estrutural. Nesse sentido, a universidade não é a segurança legitimadora do artista-pesquisador. Ao mesmo tempo, o artista-pesquisador talvez possa vir a ser essa persona que é capaz, inclusive, de abandonar o reconhecimento de sua categoria como verdade. Ou como falo.

Por isso, o artista-pesquisador talvez possa vir a ser, uma nuvem-pseudópodo do artista-etc. Uma exceção, uma ginga, um drible. Como se só existisse como pura presença se guardasse em si, a dúvida crudelíssima de um riso sobre si mesmo diante de múltiplos movimentos de um xadrez considerável que por sua vez, se coloca entre os eixos de uma produção constelar

frutificada entre teoria e prática e vice-versa. E nesse sentido, esta condição é útil para marcar delimitações fluidas entre esta produção e a produção do artista; além de expressar uma compreensão da demanda inevitável de saber coletivo que também se propõe como formador em relação à sociedade e ao entorno. O artista-pesquisador reconhece sua demanda no mundo.

Por certo, não se trata de uma defesa didática, tal qual conhecemos, ou de uma pedagogia que ainda crê na diferença e intransponibilidade entre escola e museu/galeria de arte. Mas de uma produção específica, e talvez científica, que acontece em locais determinados de formação e que aprofunda sua relação, também não-toda, com a alteridade. Sendo assim, o artista-pesquisador, propõe e investe no processo de formação como uma obra-poro, como uma fita de Möebius, numa diluição imaginária entre si e outrem, de modo a conjugar processos expandidos de de//formação. Sempre em processo poético.

Referências

LACAN, Jacques. Seminário 20. Mais ainda. Rio de Janeiro – RJ: Jorge Zahar Editor, 2008.

BASBAUM, Ricardo. Manual do artista etc. Rio de Janeiro – Rj: Beco do Azougue Editorial, 2013.

ⁱ Alexandre Sá é artista-pesquisador. Curador e crítico de arte. Procientista UERJ. Jovem Cientista Faperj. Diretor do DECULT/UERJ e professor do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES). Sócio da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA). Membro da ANPAP - Comitê de Poéticas Artísticas (ANPAP). -mail: alexandresabarretto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7846-5145>. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/0137944963846547>. Niterói, Brasil.